

TERAPIA OCUPACIONAL, ÉTICA DO AMOR, CUIDADO E TRANSGRESSÃO: ENTRE_VISTA COM MARI QUARENTEI

Occupational therapy, ethics of love, care and transgression: inter_view with Mari Quarentei

Terapia ocupacional, ética del amor, cuidado y transgresión: entre_vista con Mari Quarentei

Leonardo Lima Gabarra

<https://orcid.org/0009-0008-5036-6955>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Mariângela Scaglione Quarentei

<https://orcid.org/0000-0002-9690-0745>

Coletivo de Estudos de Terapia Ocupacional como Produção de Vida, Botucatu, SP, Brasil.

Carla Regina Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7079-8340>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo: Objetivo: Apresentar trechos de uma entrevista de Mari Quarentei nos quais ela compartilha os alicerces de sua prática. **Síntese dos elementos do estudo:** A entrevista reconceitualiza a prática e a ética do amor, em uma perspectiva que articula liberdade, ética, generosidade, afetos e transgressão criativa. Mari afirma que o cuidado fundamentado no respeito e na reciprocidade opera transmutações tanto nas práticas profissionais quanto nas relações. Seu trabalho acolhe vidas marcadas por violações, violências e sofrimentos constantemente invisibilizados. **Conclusão:** Sua narrativa inspira e nos convoca para um cuidado com compromisso ético-político, que integra pensamento crítico, ação transformadora e afeto revolucionário.

Palavras-chave: Prática Profissional. Amor. Relações Profissional-Paciente. Terapia Ocupacional. Afeto.

Abstract: Objective: To present excerpts from an interview with Mari Quarentei in which she shares the foundations of her practice. **Summary of the study elements:** The interview reconceptualizes the practice and ethics of love from a perspective that integrates freedom, ethics, generosity, affects, and creative transgression. Mari asserts that care, grounded in respect and reciprocity, brings about transformations in both professional practices and relationships. Her work embraces lives marked by violations, violence, and suffering that are constantly invisibilized. **Conclusion:** Her narrative inspires and calls for care with an ethical-political commitment that integrates critical thinking, transformative action, and revolutionary affection.

Keywords: Professional Practice. Love. Professional-Patient Relationships. Occupational Therapy. Affection.

Resumen: Objetivo: Presentar fragmentos de una entrevista a Mari Quarentei donde comparte los fundamentos de su práctica. **Síntesis de los elementos del estudio:** La entrevista reconceptualiza la práctica y la ética del amor desde una perspectiva que articula libertad, ética, generosidad, afectos y transgresión creativa. Mari sostiene que el cuidado, fundamentado en el respeto y la reciprocidad, opera transformaciones tanto en las prácticas profesionales como en las relaciones. Su trabajo acoge vidas marcadas por violaciones, violencias y sufrimientos constantemente invisibilizados. **Conclusión:** Su narrativa inspira y nos convoca a un cuidado con compromiso ético-político que integra pensamiento crítico, acción transformadora y afecto revolucionario.

Palabras clave: Práctica profesional. Amor. Relaciones Profesional-Paciente. Terapia Ocupacional. Afecto.

Como citar:

Gabarra, L. L.; Quarentei, M. S.; Silva, C. R. (2026). Terapia ocupacional, ética do amor, cuidado e transgressão: entre_vista com Mari Quarentei. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 10(1):3930-3940. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto69833

Contexto

Mariângela Scaglione Quarentei, ou Mari, (figura 1), é terapeuta ocupacional formada na Universidade de São Paulo em 1979, com extensa experiência prática, formativa, artística e política, atuando com todos os cursos de vida e problemáticas, mas, principalmente, em Saúde Mental. Entre 1980 e 2013, trabalhou no Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista de Botucatu e com formação em Saúde. Foi supervisora de estudantes de Terapia Ocupacional por mais de 25 anos, inaugurando o primeiro Programa de Aprimoramento Profissional de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo (FUNDAP). Além disso, construiu a concepção de terapia ocupacional como produção de vida e criou grupos de estudos e supervisão autônomos, que integravam as ações do Coletivo de Estudos de Terapia Ocupacional como Produção de Vida, desde 2003. Tem formações em Terapia Ocupacional em Psiquiatria (CETO-SP), Saúde Mental em Saúde Pública (MS/FSPUSP), Estudos Contemporâneos da Subjetividade (PUC-SP), Terapias Corporais Neorreichianas (Ágora e Lab. do Processo Formativo – SP) e Processos de Criação em Poéticas Visuais (EMBAP/UNESPAR). Ela também participa do grupo de pesquisa Atividade Humana e Terapia Ocupacional (AHTO – CNPQ). Seus projetos atuais são: o TECER_SE, no qual desenvolve projetos referentes a clínica, estudos e criação em terapia ocupacional como produção de vida, e o Ateliê de Experimentações em Terapia Ocupacional. Artista visual e poeta, tem trabalhos no campo das artes com linguagens como a escrita, desenho, pintura e performance.



Figura 1 – Mari Quarentei, terapeuta ocupacional

Fonte: arquivo das pessoas autoras deste trabalho

O encontro das autorias ocorreu em 2023, após Mari ser convidada a participar de conversas formativas e preparatórias para a pesquisa de iniciação científica intitulada “Quais relações possíveis entre a ética do amor e as práticas da terapia ocupacional?”. O estudo buscou compreender a relevância da ética do amor (hooks¹, 2000) para a terapia ocupacional — conceito que centraliza o amor como orientação para a ação e reúne dimensões como cuidado, respeito, conhecimento, integridade e disposição para cooperar.

Na produção de dados, adotamos entrevistas semiestruturadas com terapeutas ocupacionais de diferentes regiões, áreas de atuação e perspectivas epistemológicas, valorizando as informações inscritas na memória e no pensamento (Manzini, 1991). Essa escolha também se vinculou ao desejo da equipe pesquisadora de criar encontros que permitissem acolher narrativas no plano dos afetos, inclusive sentimentos, relatos, inseguranças e forças compartilhadas ao refletirem sobre suas práticas (Barros & Kastrup, 2012).

Como balizadora, Mari foi a primeira pessoa entrevistada pelo estudante-pesquisador, contribuindo para aperfeiçoar a experiência que seria oferecida às participantes e, posteriormente, discutir o roteiro. A riqueza das reflexões construídas nesse encontro nos motivou a publicar sua entrevista, a fim de compartilhar suas contribuições sobre a temática amorosa, vindas de uma das pensadoras mais inspiradoras da terapia ocupacional brasileira.

A entre_vista: reflexões sobre um fazer terapêutico ocupacional comprometido e relacional

Entrevistador:

Mari, o que é ser terapeuta ocupacional para você?

Mari Quarentei²:

Para mim, ser terapeuta ocupacional é uma alegria e, atualmente, uma honra. Muitas vezes, agradeço por ter tido a possibilidade de ser e de me tornar terapeuta ocupacional num processo amoroso, vivo e criativo.

Eu gosto de pensar e elaborar as coisas a partir do que sinto, da minha vivência e experiência. Eu tive, e tenho, uma vida eticamente profunda, produzida no trabalho com pessoas que eram desprezadas, descartadas e invalidadas, que foram interdidas de ser, de sentir, de sofrer e de falar.

Nessa profissão convivi com pessoas que sofreram muito, que muitas pessoas não queriam, não suportavam e consideravam que não se devia estar em contato com elas, que deveriam ser levadas para longe, trancadas em hospitais psiquiátricos, passando por opressões e repressões. Não só os hospitais psiquiátricos, os tratamentos também podem ser opressivos e repressivos. Essa realidade me levou para

¹ bell hooks escreve seu pseudônimo em letras minúsculas para deslocar o foco da figura da autora e enfatizar que o mais importante são as ideias e as discussões presentes em suas obras.

² A entrevista precisou ser adequada para o formato de um artigo, por isso realizamos cortes e composições para dar fluidez à estrutura aqui apresentada. A versão final do texto foi autorizada pela entrevistada.

muitas outras experiências com produção artística, oficinas e atividades não usuais com os pacientes. No sentido da liberdade do fazer, a questão do processo criativo sempre foi muito importante para mim.

Voltando para a pergunta, eu tenho várias outras palavras para responder o que é ser terapeuta ocupacional, mas penso que é experienciar a generosidade. A generosidade é necessária para validar um agir, um sentir ou o ser, uma fala ou a voz de uma pessoa silenciada. Não digo generosidade no sentido caritativo, mas é sobre dar espaço, criar lugares e acontecimentos para aquelas pessoas existirem. Pode ser, simplesmente, o seu silêncio e a sua escuta, generosidade no sentido de doar algo para o outro. É doar seu tempo, escuta, silêncio, compaixão, conhecimento, alegria, energia, capacidade crítica e companhia.

Para mim, ser terapeuta ocupacional também é pensar a Terapia Ocupacional. Buscar uma vida digna, bonita e prazerosa, não no sentido do prazer hedonista, mas de realização do ser.

Entrevistador:

Enquanto terapeuta ocupacional, você julga que é importante alinhar os nossos sentimentos às nossas experiências?

Mari Quarentei:

Sim, de imediato. É uma interação entre humanos, entre vidas. Em qualquer atendimento, são seres que sentem, pensam, creem e se posicionam diferentemente. Não existe neutralidade: existe ética, responsabilidade e compromisso. Entender os nossos sentimentos é uma questão ética importante.

Posso ter dificuldades em lidar com outra pessoa. Isso acontece entre os seres humanos, é próprio das interações. Porém, como profissional, preciso ser capaz de perceber se aquela dificuldade vai interferir no processo do outro, isso é ser ético. Não quer dizer que você vai estar sempre bem, mas você precisa encontrar novos caminhos. Pode ser que, num primeiro momento, não seja possível, mas depois você descobre as razões que dificultam a relação e provoca as mudanças necessárias.

Às vezes, tenho muita dificuldade em me relacionar com pessoas, porque são seres vivos. Elas vão te afetar, e você vai reagir a elas. Nunca trabalhei com as questões da transferência, mesmo tendo formação em psicodinâmica e psicanálise, e sim com as dimensões da afetação humana (Spinoza, 2020).

É importantíssimo saber como você se sente e quais sentimentos te despertam. Nós nos deprimimos, chateamos, irritamos, animamos, excitamos. Há os apaixonamentos: você se encanta com as pessoas. Isso tudo se relaciona com a sua história, sentimentalidade e como elas foram construídas. Não é possível abstrair quem se é e no que se acredita.

É preciso estar atento a si o tempo inteiro, até porque seus sentimentos podem ser maravilhosos. E, se você entender a afetação como uma composição ou decomposição das potências dos corpos, isso pode te levar a lugares excelentes, permitindo entender os sentimentos de outra forma.

Por exemplo: no Hospital-Dia, em que trabalhei, atendi uma menina que vivia uma situação de muita pobreza e precariedade. Ela morava em um casebre com suas duas crianças e, por ter entrado em um surto psicótico, não pôde mais cuidar delas, que foram levadas pelo Conselho Tutelar. Eu tive uma

afeição muito grande por ela e nós trabalhamos várias questões durante o tempo que passamos juntas. Era uma situação muito difícil. O marido, dependente químico, a abandonou e ela estava muito aflita por ter perdido a guarda das crianças. Fiquei muito mobilizada. As pessoas e as histórias me mobilizam, tocam e doem. Eu participava da dor dessa menina. Os corpos não são separados como nós pensamos que eles são.

Dentro do meu referencial, terapia ocupacional como produção de vida (Quarentei, 2001; Albuquerque *et al*, 2021), eu chamo de “emergência de atividades com potência” os acontecimentos que produzem essa afetação, essa troca afetiva, em uma relação respeitosa e de parceria, de o outro sentir que você está junto. Dessa generosidade, às vezes, de ambos os lados. Esse conceito possibilita uma potência terapêutica ocupacional muito grande. Os sentimentos têm muita potência na singularidade dos processos.

Entramos com o processo de retomada da guarda, eu escrevi a peça para o advogado de tão mobilizada que estava. Por fim, ela voltou a morar com as crianças e nós, da equipe, conseguimos entender o que a fez perder as condições de cuidar das crianças. Tudo isso a partir da atividade dela de me escrever uma carta com sua história.

Eu indiquei a atividade correta? Não. O que aconteceu foi que nossa relação produziu a emergência de um dispositivo de cuidado: ela queria ser cuidada e eu queria cuidar dela. Ela se sentia confortável para me dizer qualquer coisa, sabendo que nunca se tornaria uma interpretação psicopatológica. Isso porque eu, Mariângela, enquanto terapeuta ocupacional, não trabalhava com o sintoma, com a doença.

Há um mistério nesse tipo de agenciamento de atividade, que nasce da relação entre intuição, pensamento, sentimento e conhecimentos em terapia ocupacional (Quarentei, 1994). Por ser terapeuta ocupacional, eu penso na ação dela no mundo, na expressão, no ser e na manifestação desse ser dela, na inclusão e na diminuição da vulnerabilidade.

Entrevistador:

Como você forma e mantém seus vínculos com as pessoas que você acompanha?

Mari Quarentei:

Primeiro, preciso conhecer a pessoa, porque eu não sei nada dela. Posso até saber o diagnóstico, mas isso não é suficiente para saber quem ela é. Eu explico o que é terapia ocupacional e, ao fazer isso, sempre pergunto o que a pessoa achou do que falei, se gostou e se sente que serve a ela. Muitas vezes, as pessoas me respondiam que não sabiam, meio inseguras, e eu propunha que experimentássemos por uns meses e conversássemos para ver como seguiríamos.

Realmente me interessei pelas questões da pessoa. O processo terapêutico se constrói a partir do que ela traz e da forma como consigo transformar a nossa relação em uma parceria baseada no diálogo, na conversa e na reciprocidade. Se não priorizarmos as demandas da pessoa em acompanhamento, corremos o risco de trabalhar em função das demandas dos pais, da família ou da sociedade, demandas que, muitas vezes, têm objetivos completamente diferentes daquela existência, que realmente nos

importa. Além de conhecer a pessoa e compreender qual é a demanda, também é preciso saber o que é sofrimento para ela.

Nós também precisamos ser muito verdadeiros com as pessoas. Elas estão em situação de muita vulnerabilidade. Então, se há dificuldades no relacionamento, é preciso encarar, seja na sua terapia individual ou com a própria pessoa. Às vezes, pode chegar ao ponto de você entender que não vai conseguir ajudar algumas pessoas e precisará encaminhar para outro profissional.

Algumas vezes, falei muito claramente à minha equipe que eu não conseguiria acompanhar determinadas pessoas. Outras pessoas conseguirão, outro profissional conseguirá. Isso também é ser amoroso e ético. A questão relacional, do sentimento, do comportamento, do vínculo, é radical. A ideia de que você pode, indistintamente, atender todo mundo não é real.

Entrevistador:

Eu gostaria de saber como você definiria o amor nas práticas de terapeutas ocupacionais.

Mari Quarentei:

Inicialmente, a temática dos afetos e dos sentimentos na terapia ocupacional estava mais reservada às ideias sobre patologias e quadros clínicos psíquicos das pessoas. Isso não quer dizer que nós não refletíamos ou tínhamos comportamentos amorosos ao ser terapeutas ocupacionais.

Fosse criança ou idoso, não era um "portador de espasticidade" ou um "portador de transtorno mental". Eu sempre falava com a Antônia, com Joana, com José, com Zezinho ou com Dona Maria. Eu me relacionava com a pessoa, com aquele ser humano, e isso já marca uma ação amorosa com o outro. A relação amorosa envolve a sustentação da história do outro e o que ele fala sobre ele — seus sentimentos, suas questões e suas necessidades.

O amor também se mostra como o desejo de poder compreender a beleza do ser das pessoas. A beleza, nesse caso, deve ser entendida de uma forma muito diferente de algum padrão estético. Não tem nada a ver com isso. Estou falando da beleza do vivo e da vida. Todas as manifestações da vida são muito bonitas em seus estágios. É muito bonito ver uma pessoa sendo o que ela é, pode e precisa ser. Toda vez que alguém me conta uma experiência difícil, eu busco agradecer e evidenciar a sua coragem, para exaltar a beleza na generosidade de se expor e compartilhar determinada dor. A beleza pode criar expansões de vida com a força que vem da integridade, verdade, vulnerabilidade, delicadeza e energia da experiência.

Amor é, realmente, se comprometer com a questão do outro. Isso significa que, por vezes, o seu atendimento não terminará em determinada hora, que você não irá almoçar em casa e que você vai transgredir suas próprias ações, crenças e muitas outras questões, até da própria terapia ocupacional. Transgredir no sentido de ousar fazer diferente e, às vezes, ser contra normas. É uma consequência do respeito.

Eu comecei a posicionar o pensamento como atividade na terapia ocupacional. No começo da profissão, ninguémalaria que pensar poderia ser uma atividade para a terapia ocupacional, porque nós tínhamos

uma visão burguesa e capitalista de que as atividades estavam relacionadas à produtividade da pessoa e à adaptabilidade social do sujeito. Então, nos atendimentos, eram realizadas as atividades de vida diária, que são importantíssimas, preciosas e sagradas para todo mundo. Mas pensar também é muito importante e, ainda assim, é uma atividade frequentemente interdita. Então, comecei a refletir sobre quais são os agires, as ações que vão sendo interditas para as pessoas. O pensamento é muito interdito, porque é um instrumento de poder importante.

Outra dimensão são os encantamentos com as pessoas. Vai se estabelecendo um bem-querer ao outro. Eu consigo ver como eu bem-queria muito algumas pessoas que acompanhava. Isso é normal, igual no mundo. É a mesma coisa, não tem nenhuma diferença. As pessoas querem inventar que tem diferença, mas não tem.

Entrevistador:

Como terapeutas ocupacionais poderiam utilizar o amor para aprimorar suas práticas e impulsionar processos de transformação?

Mari Quarentei:

Nós não temos que pensar em como utilizar, nós temos que ser o amor. Ser o exercício do amor. Ser.

Entender o que quer dizer ser amoroso e ser. Eu não instrumentalizaria o amor: nós temos que nos transformar nele. Ser amoroso é algo muito complexo. Eu posso contar coisas que eu fiz e ninguém acharia amoroso, mas, para mim, foram muito. Realmente, o amor exige transgressão. O amor é uma ação, porque não há separação entre ação e sentimento.

Ações são tomadas a partir de sentimentos. Por exemplo: o sentimento pode ser de indiferença, nulidade e te fazer tomar distância. Por isso, essa discussão é preciosa. Nós precisamos encarar de frente e colocar os sentimentos na pauta do processo terapêutico ocupacional. É uma questão da vida humana, do viver humano. Nós estamos em uma cultura muito distante do amor. Há muito desamor e desamorosidade. Imagina a mudança para a terapia ocupacional se nós alinharmos sentimento, pensamento e ação!

As questões éticas, sentimentais e subjetivas entre profissionais de saúde e pessoas atendidas são tão complexas que, quando participamos de uma situação tão profunda na mobilização dos sentimentos das pessoas, é importante que elas sempre se sintam respeitadas. Se a pessoa não está se sentindo respeitada, é preciso entender os motivos que a levam a esse sentimento e qual é o desrespeito que ela está sentindo.

A cultura amorosa e o comportamento amoroso são singulares. Eles são atravessados pelas forças sociais, mas é muito singular. O que cada um entende como amor? Como sente? O amor, normalmente, é generoso, no sentido de gerar a vida e dar frutos. Também podemos pensar o amor no sentido de a pessoa se cuidar, se respeitar e ter amor por si. Ser amoroso consigo próprio.

Nós precisamos saber se nossa prática profissional, efetivamente, está sendo recebida como cuidado, proteção, respeito, generosidade e/ou suporte. Saber se as profissionais estão conseguindo produzir isso para elas mesmas também é muito importante.

Então, busco tratar as pessoas de forma respeitosa, dando suporte e querendo entender o sofrimento, não apenas a doença. O processo amoroso é para todos nós. Nós podemos identificar, pela amorosidade da pessoa consigo mesma, como ela consegue se cuidar.

Entrevistador:

Bell Hooks chamou de "ética do amor" o conceito que pressupõe que todas as pessoas têm o direito de serem livres e viver plenamente. Qual a aplicabilidade da "ética do amor" nas práticas da terapia ocupacional?

Mari Quarentei:

Eu não sei o que fez você perguntar com essas palavras, porque "aplicar" uma coisa é muito instrumental e eu não aplico nada, assim como eu também não uso a palavra "intervenção" para me referir às práticas da terapia ocupacional, como "intervenção terapêutica". Eu uso a palavra "atuação", como "atuação do terapeuta ocupacional". Eu vejo como um acompanhamento, não uma intervenção. Para mim, intervenção é sobre uso de força.

Respondendo de uma forma simples, acho total a aplicabilidade da "ética do amor", porque é uma ética de vida e relação humana. Existem pessoas que pensam que os afetos perturbariam a *práxis*, a técnica ou a racionalidade. Porém, o respeito não perturba nada. Pelo contrário, sempre constrói um solo muito fértil para a relação, porque produz confiança, interesse, participação, cumplicidade e parceria. Independentemente da sua área de atuação, o respeito só soma e potencializa os processos técnicos. Tratar as pessoas amorosamente só potencializa.

Ser respeitoso não é ser submisso. Nós precisamos aprender a fazer essa distinção, pois muitas pessoas as confundem. Precisa-se discutir o que as pessoas pensam que é respeito, sobretudo no Brasil, um país escravocrata-colonial que despreza o trabalho das pessoas, num mundo capitalista onde só tem valor quem ganha dinheiro.

Enquanto uma prática amorosa, o respeito produz confiança, como um amor respeitoso a você e ao outro como seres sagrados. A sacralidade de todas as vidas é o direito a existir, ser, sentir e pensar, e isso é liberdade. Com o tempo, pode revolucionar nossos processos. Quando falamos de amor, o outro está totalmente incluído na relação, em sua totalidade de ser.

Entrevistador:

Considerando os estigmas e os preconceitos que atravessam relações profissionais pautadas no amor, como podemos compreender essa atuação a partir da "ética do amor"?

Mari Quarentei:

Me faz lembrar de uma assembleia do Hospital-Dia, onde parte da equipe queria discutir uma proposta que proibia abraçar e beijar no hospital. Gente do céu, naquele dia, respirei fundo! Fui à assembleia e falei na frente de pacientes e equipe que eu não deixaria isso acontecer.

Eu construí uma condição para dizer como era absurdo, em um serviço de saúde mental — onde as pessoas carregavam sofrimentos relacionados ao sentir, aos sentimentos, ao seu ser, às suas relações e ainda enfrentavam um enorme preconceito fora dali —, nós interditaríamos a manifestação afetiva entre elas. Não era possível achar que aquela era a única forma de resolver os problemas.

A atuação a partir da “ética do amor” pode ser compreendida quando você já ultrapassou esses estigmas presentes no campo profissional e pode exercê-la como o tecido que sustenta suas ações no processo terapêutico ocupacional. Se sou capaz de acolher e respeitar o modo de ser e os desejos de ser do outro. É pela “ética do amor” que a ação irá fluir. Estou ali para cuidar da pessoa e ajudá-la a se cuidar, para que ela possa se acolher e se respeitar.

O preconceito está relacionado com a cisão entre corpo e mente, emoção e razão e com todas as cisões na ciência, cultura, conhecimento e sociedade. Todas as cisões são hierarquizações que colocam o sentir em uma posição menor que o racionalizar, como se pensamento e racionalidade fossem melhores do que os impulsos do corpo. E, dizem: “O que não consigo explicar não é conhecimento e não tem valor. O que já está explicado tem valor e é conhecimento”, um absolutismo que desconhece a conexão sentir-pensar.

Realmente, ultrapassar esses preconceitos possibilita uma integridade como pessoa, ser e profissional. Você está mais inteiro, mais íntegro, não precisa se esfacelar e separar vida profissional e pessoal. Porque essa é a proposta do sistema. Você pode caminhar em direção à união desses polos. Muitas coisas do campo profissional nos melhoram pessoalmente. Você pode construir paciência e perseverança e isso pode melhorar você.

Apartar os sentimentos e dividir a razão da emoção são estratégias para tentar categorizar, dividir e separar os seres. Mas, no real, nada é separado.

Sinto que vamos para um lugar de liberdade, com um nível de responsabilidade alto, mas também muito criativo, porque há coragem. E a pessoa acompanhada acaba incorporando e encarnando isso na própria vida. As pessoas vão desabrochando uma criatividade. Essa criatividade do vivo, que não é criatividade artística, mas do fazer. É uma criatividade para encontrar saídas, produzida pelo amor, diferente das que estão dadas, normatizadas, convencionadas.

Entrevistador:

Gostaria que você contasse uma situação em que tenha identificado o efeito da prática amorosa em seus atendimentos.

Mari Quarentei:

Em certo sentido, acho que as práticas da terapia ocupacional já são amorosas por si.

Em uma época, atendemos uma senhora com cerca de 50 anos. Um quadro de esquizofrenia paranoide bem grave e 26 internações psiquiátricas. Essa paciente morava com a mãe, que estava bastante doente, e tinha um irmão. O pai tinha se suicidado e não se sabia muito sobre essa história.

Nós estávamos em um grupo de terapia ocupacional e uma participante, mais jovem e bonita, falava muito de namoro. Essa senhora alterou-se e começou a xingar a moça de "vagabunda". Naquele momento, só tentei acalmá-la e disse que ela não precisava ficar no grupo, que poderia sair se não estivesse se sentindo bem. Ela optou por sair.

No dia seguinte, em outro grupo, ela chegou meio sem jeito e me confessou que não sabia se deveria entrar ou não. Eu respondi que imaginava esse sentimento, essa situação, já que, no dia anterior, ela tinha se descompensado com outra participante e que, sim, poderia ser difícil retornar para lugares onde discutimos. Então, sugeri que a senhora pedisse desculpas para a pessoa que destragara.

Eu fiz uma leitura da situação e indiquei o pedido de desculpa como atividade. Como resultado da conversa, a mulher perdoou a senhora. Para mim, isso é uma prática amorosa. Primeiramente, você acolher a sua destemperança, criar uma estratégia para lidar e tentar reparar isso. As pessoas que se desorganizam precisam reparar a situação delas com os outros e, às vezes, elas não sabem como. Ignorar, forçar algo, excluir ou expulsar só piora a situação.

Muitas vezes, no grupo de terapia ocupacional, apareciam histórias que não surgiam em nenhum outro tipo de atendimento. Isso é muito comum, por não serem estritos e/ou se limitarem à patologia, por estarem ligados à vida, ao viver, ao fazer, por não estarem ligados estritamente às dificuldades, mas, também, por estarem ligados e conectados à potência de ser.

O próprio processo de ser terapeuta ocupacional produziu em mim o pensar e o sentir sobre como eu me relacionava com as pessoas e entendia a importância da afetividade na relação. Eu estudei como a demonstração de apreço e respeito pelas pessoas ressoavam nas outras. As práticas amorosas são as cotidianidades que demonstram os nossos afetos.

Enquanto a violência, cada vez mais, recrudescer na sociedade, para nós que entendemos na pele, no espírito e na alma a diferença entre uma ação amorosa e uma ação violenta, fica mais claro, a cada dia, a importância de construir confiança, um vínculo significativo, um vínculo para sustentar a vida, a autonomia, o desejo e o ser das pessoas.

Considerações finais: pistas para seguirmos conversando

Em nossas conversas iniciais, Mari diz que esta pesquisa é corajosa, não apenas por vivermos em uma "sociedade na qual se negligencia a importância da expressão do amor na construção da saúde individual e coletiva" (Di Pascucci, 2011), mas também pelo próprio sentido da palavra "coragem", cuja origem remete a ações guiadas pelo coração. Institucionalmente, a pesquisa de iniciação científica foi concluída.

Além da entrevista com Mari, que não integrou a análise dos dados, realizamos encontros com outras oito terapeutas ocupacionais e identificamos que é possível estabelecer relações potentes entre a "ética do amor" e as práticas da terapia ocupacional. As reverberações desse percurso continuam pulsando nas autorias, que seguem tecendo seus desdobramentos.

A generosa partilha de Mari nos conduz à experimentação de um modo de fazer-sentir-pensar comprometido e não dicotômico em relação às dimensões afetivas. Ao afirmar que não existe neutralidade, ela evidencia que toda ação emerge das afetações provocadas pelas situações vividas. Além disso, sustenta a importância de alinhar a tríade sentimento, pensamento e ação.

Compreendendo "transgressão" como ousadia em fazer diferente, afirmamos a transgressividade do amor como afeto revolucionário. Nessa perspectiva, terapeutas ocupacionais se constituem como agentes de transformação, capazes de produzir mundos orientados pelo bem-viver de todos os seres.

Referências

- Albuquerque, G. M. P., Cardinali, I., & Bianchi, P. C. (2021). Terapia ocupacional e a expressão "produção de vida": O que dizem as produções brasileiras? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2133. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2133>
- Barros, L. P., & Kastrup, V. (2012). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52–75). Sulina.
- Di Pascucci, A., Petrechen, M. P., & Quarentei, M. S. (2011). "QUALÉ a desse ÓRGÃO??? Arte-reflexão sobre o amor. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 15(38), 963–965. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000300032>
- hooks, b. (2000). *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas* (S. Borges, Trad.). Elefante.
- Manzini, E. J. (1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26–27, 149–158.
- Quarentei, M. S. (1994). Atividades: Territórios para expressão e criação de afetos. *Boletim de Psiquiatria – EPM*, 27(1), 26–27.
- Quarentei, M. S. (2001). Terapia ocupacional e produção de vida. In *Anais do 7º Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional* (pp. 1–3). ABRATO.
- Spinoza, B. (2020). *Ética* (S. Chauí, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1677)

Fonte de financiamento: CNPq (Bolsa de Iniciação Científica - IC). Autoria vinculada ao grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional.

Contribuição do autor e autoras: L. L. G.: Elaboração, realização e transcrição da entrevista, formatação do texto. M. S. Q.: Concessão da entrevista, revisão do texto. C. R. S.: Orientação do trabalho, revisão do texto.

Recebido em: 08/10/2025

Aceito em: 19/12/2025

Publicado em: 31/01/2026

Editor(a): Andreza Aparecida Polia